



O tempo quando

Quem disse que Jovelino tinha conhecimento de horinhas de relógio? Ora, qual! Jovelino Cordeiro da Silva era desponteirado para ampulhetas e outras desmedidas. Meu amigo tropeiro era quase sempre tipificado no homem citado por Robert Browning: *“Man has Forever”*. Se não lhe plenifico ao tipo, é porque meu amigo jovelinava em trópicos que nunca sequer haviam descoberto notícias da Europa. Era bem ele bem, como longamente é ressabido, vivente do noroeste capixaba, endereçado na vila de Prata dos Baianos.

Era Jovelino um genearca do para sempre, em linhagem que se cinzelara nos primevos longínquos de um desde quando. Logo era meirinho-mor da niilificação do tempo. “Relógio é carência de gente afobobada”, foi o que ele me disse no dia em que lhe. Perguntei se nunca usara. Nunquinhas tivera olhos para o maquinário. Ao contra, desusara-o desde. A invenção não lhe servia. Antesmente de tropeçar em vez primeira um reolho na pressinha de ponteiros, Jovelino já se sabia que o homem tem a Eternidade. Ou? “Tenho as luzências que Deus criou”. E embicou um louvamém aos firmamentos, no ou que se lhe conferia as benemerências do Criador. A pois ao fielfilho cartoriado desde o livro de Gênesis, o porvindouro é duravelmente antigo. “Tudo está escrito”, completou-me, acintoso em fustigar-me, pleno de sua sábia analfabetia. Eu lhe. Retruquei que o tempo é autógeno e autófago, uma chama que se incandesce e se apaga a cad’átimo, enfim, sem fim, inesgotável e insaciável – recriando-se e devorando-se infilhionosamente para sempre. Por isso urgia contá-lo, contabilizá-lo, conta-gotá-lo. “Está escrito”. Quê? “O portintim de cada sopro”. E riu-se-me. De meu pasmo. De minha perplexidade moderna, de meus ponteiros tocados a taquicardia de pilhas. Incôngruo, desenlacei a pulseira de meu tempo domesticado e estendi a ofensa a Jovelino. O calmo olhar dourado de meu amigo tropeiro trotou uma miúda perscrutação de soslaio até o re-

lógio. Educoso, Jovelino esticou o gesto desoblíquo das mãos, recolheu-o. As palmas conchosas sossegavam o vai-vai do tempo, como se embalassem um bebê ingenerado, estranhosamente apartado da mãe. Aninhavam-se, órfão e tutor.

Conversavam-se – o relógio e o Senhor do Tempo. Ou que seja: filho do Senhor da Eternidade, que instalou luzeiros para dias e trevas. Fiat lux e blackout e outros idiomas do deslatinório humano. Conheciam-se na mansidão da pausa, o pulso do homem e o tique-taque parapulso. E eu, em mim comigo, tocaiava em espreitas. Talvez quem sabe até não fosse de se admirar o maravilhal de um ilapso no lapso. Que o Tempo se anunciasse à criatura, que no influxo Jovelino enfático soprasse ânimo de alma à maquininha. Eu de mim comigo, centrado a olhar o momento com a lente do próprio umbigo.

“Que joiazinha cara, hein?” – sussurrinhou a risadinha sorrateira de Jovelino. E-me-a devolveu. Restitui-ma, intacta de vida e uso, a joiazinha. Porque para Jovelino sua espichável fita métrica do tempo abrangia, antiquando, em: desde que voa o pássaro, desde que a galinha bota, desde que gambá fede, desde que árvore dá sombra. Futurando para perto: logo que o pato cagar na alvorada; para longe: logo que nascer o neto da solteirona. Para nunca: no dia em macaco enjeitar banana, que madrinha de tropa não for sestrosa, que bispo não mandar em padre.

Ou, presentemente, como me despediu: “Boa viagem, *seo* menino. Já deu seu quando”. Confirmei no relógio. Era mesmo quando. E foi o quando em que o vi em vida, sem saber que lhe era extremaunção aquele mais um, findo, até logo. Foi meu adeus ao Senhor do Tempo, ou Dele primogênito herdeiro. Permanece o legado de sua sempre lembrança, que muita vez quase se perde na tropelia de minha joiazinha cara. Em sua farsa do desde, quando, logo. Pois nem jóia é meu dourado portintim afobobado! ■

